

Job - «figura» orante

Introdução

. Gostaria de agradecer, em primeiro lugar o convite que fizeram, antes de mais, a Job, integrando-o como uma figura orante de excelência nestas Jornadas de Teologia Prática sobre a temática orante.

. A delicadeza e a singularidade do Livro de Job têm sido, por vezes, muito banalizadas... Todos achamos que sabemos alguma coisa sobre esta figura bíblica e espargimos palavras, que apenas refletem a nossa necessidade de dizer a experiência que todos fazemos do que há de mais indizível na nossa vida: a presença de Deus em nós...

Porque, de certo modo, tenho consciência de tudo isto, não vos falar de Job como figura orante, mas antes colocar-vos diante de um Job orante; diante das suas palavras e do seu percurso... É ele quem quero colocar aqui diante de vós. As minhas palavras tentarão ser apenas a «bandeja» onde tentarei que as palavras de Job possam provocar um encontro com o tal Job orante bíblico, que todos, de uma maneira ou outra, transportamos dentro de nós.

. É um facto, que não necessitamos de esperar pelos novos tempos do cristianismo e pelo testemunho dos seus místicos para nos encontrarmos com os contornos da «figura» orante. A Bíblia, no seu todo, nomeadamente o conjunto de textos a que numa linguagem inclusiva se convencionou chamar de Primeiro Testamento, abriga um precioso testemunho de figuras orantes, do qual Job é certamente uma componente incontornável e inconfundível; eu diria mesmo necessária.

Na origem de um rito orante

O Livro de Job começa, precisamente, por nos colocar perante um ser humano que acrescentava à sua integridade e retidão o temor de Deus (1,1)...

^{1,1} HAVIA um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e era este homem íntegro, reto e temente a Deus (‘eloîm אֱלֹהִים) e desviava-se do mal.

... que o auto bíblico concretiza num determinante afastamento do mal e numa prática ritual contínua de oferta de sacrificios a um Deus, identificado pelo nome אֱלֹהִים (‘eloîm)

«Sucedia, pois, que, decorrido o turno de dias de seus banquetes, enviava Jó, e os santificava, e se levantava de madrugada, e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; porque dizia Jó: Talvez pecaram meus filhos, e amaldiçoaram a Deus (אֱלֹהִים) no seu coração. Assim fazia Jó continuamente. (Job 1:5)

Job «figura» orante emerge, na narrativa, numa **relação ritual** com um Deus ‘eloîm (1,5), que Israel reconhece como o Deus Criador. É este o Deus que fizera o ser humano à sua imagem e semelhança; que o abençoara e enviara a crescer e a multiplicar-se (Gn 1,26-29); que fizera uma aliança com Noé e lhe dera um sinal que estaria por «gerações eternas» (Gn 9,12); que estabelecera uma Aliança e falara com Abraão (Gn 17,3-23); aparecera a Moisés no meio da sarça-ardente (Ex 3,4-15) e se identificara como יהוה (Yhwh) o Senhor Deus de Israel (Ex 6,2). E é este mesmo Deus ‘eloîm que o autor bíblico coloca inesperadamente num diálogo aberto com Satan, que se inquieta por Deus se orgulhar de um Job, que apenas mantém uma relação simples e ritual com Deus. É precisamente, neste ambiente de um Deus que se orgulha do ser humano, que Deus arrisca tudo, inclusive a si mesmo, ao permitir que Job seja provado na gratuidade da sua Fé (1,6 – 2,10).

Jb 1,⁸ O Senhor disse-lhe: **«Reparaste no meu servo Job? Não há ninguém como ele na terra: homem íntegro, recto, que teme a Deus e se afasta do mal.»** ⁹Satan respondeu ao Senhor: **«Porventura Job teme a Deus desinteressadamente?...** ¹²Então, o Senhor disse a Satan: «Pois bem, tudo o que ele possui deixo-o em teu poder, mas não estendas a tua mão contra a sua pessoa»... (cf. Jb 2,3-6)

A narrativa bíblica refere que a relação ritual com Deus é capaz de sustentar Job na prova por algum tempo. Job «rasga o seu manto, rapa a cabeça, cai por terra e inclina-se no chão, aceita a perda dos bens, dos filhos e é fortemente abalado na sua integridade física, porém não comete pecado nem imputa nada de indigno contra Deus (1,20-22; 2,10).

Jb 1,20 Então Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou. ²¹ E disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu, e o SENHOR o tomou: bendito seja o nome do SENHOR.

Jb 2,9 Então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus, e morre. ¹⁰ Porém ele lhe disse: Como fala qualquer doida, falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios.

E Job como «figura» orante começa aqui. Job sustém Deus no seu horizonte e ora como pode, aceita-se como está e começa a partir daí, porquê? Porque a oração é, antes de mais «a nossa humilde resposta à inconcebível surpresa da vida» (Rabi Abraham Joshua Heshel).

A metamorfose do orante

Mas a narrativa bíblica, não se demora em irromper num imenso drama que tenta, pela letra das inúmeras palavras que são ditas, balbuciar a prova como um processo de purificação a que a fé de Job é submetida e, no âmago desta, a sua relação com Deus. A «figura» do Job orante, que tinha com Deus uma cuidadosa relação ritual é arrebatada por uma genuína e dolorosa metamorfose. A narrativa Bíblica coloca-nos perante um Job que abandona os ritos de sacrifícios e sentado «no meio de cinza» se dirige a Deus (^{2,8} E Jó tomou um caco para se raspar com ele; e estava assentado no meio da cinza... ^{3,1} DEPOIS disto abriu Jó a sua boca, e desejou a não existência do seu dia.). O eu de Job expõe-se aberta e impulsivamente diante de nós, numa oração a um Deus que ele olha ainda como um Ele, «lá de cima». Porém, ele é um Deus que Job acredita ser responsável pela vida humana; um Deus Criador (Gn 3,1ss), perante o qual Job derrama palavras e lágrimas...

^{3,3}Seja esquecido o dia em que nasci,
e a noite em que se disse:
Foi concebido um homem (**um gaber** גַּבֵּר)!
⁴Converta-se aquele dia em trevas;
e Deus lá de cima, não tenha cuidado dele,
nem resplandeça sobre ele a luz.

O Job orante chora perante Deus o dia do seu nascimento, dispersando gritos e lamentos, que liberta perante o silêncio e o escorrer de um rio de opiniões devotas dos amigos. A oração de Job desagua num imenso questionamento sobre si mesmo e sobre o seu Deus. E tudo o que se escuta é um imenso coro de porquês onde Deus se transforma num Tu diante do eu de Job; um Tu que ele ousa contestar...

^{6, 12} Será que **eu** tenho a fortaleza das pedras,
e será de bronze **a minha** carne?
^{7, 12} Acaso sou **eu** o mar ou um monstro marinho,
para que (Tu) te ponhas de guarda contra mim?...
¹⁷ O que é o homem para (Tu) lhe dares importância
e fixares nele **a tua** atenção
¹⁸ para que (Tu) o observes todas as manhãs
e (Tu) o proves a cada instante?
¹⁹ Quando afastarás de mim **o teu** olhar,
e deixarás que **eu** engula a minha saliva?
²⁰ Que pecado **eu** cometi **contra ti**,
ó guarda dos homens?
Porque me tomas por **teu** alvo,
quando nem a **mim mesmo** me posso suportar?
²¹ Porque não retiras (Tu) o meu pecado
e não apagas (Tu) a minha culpa?

O Job orante agarra-se a um diálogo, marcado pela exigência da procura de si mesmo e de Deus, porque a verdade é que a oração autêntica exige muito de nós, mas também do Deus que procuramos. Exige uma entrega, um coração aberto, a abertura a uma boa dose de autoconhecimento, uma constância na escuridão e o desejo profundo de estar ao serviço da Luz, mesmo quando tudo o que vemos é apenas obscuridade. Job não foge deste diálogo e ora a Deus, entranhando-se nos caminhos, por vezes árduos, da oração e da relação com Deus. Consciente ou inconscientemente, Job experimenta que «A oração que precede todas as orações é: Possa ser o meu verdadeiro eu a falar. Possa eu falar ao teu verdadeiro Tu» (C.S. Lewis), por isso Job diz:

^{10, 2} Direi a **Deus**: ‘Não me condenes (Tu)!
Declara-me sobre em que é que se apoia **tua** contenda comigo?’
³ Acaso é bom para **ti** oprimir-me,
em desdenhar a obra das **tuas mãos**
e em favorecer os desígnios dos malvados?
⁴ Terás (Tu) olhos de homem,

e verás (Tu) as coisas como as vêem os **humanos**?

⁵Acaso **os teus** dias são como os de um mortal,

e **os teus** anos, como os dos **humanos**,

⁶para que investigues a minha culpa a

e indagues sobre o meu pecado,

⁷quando sabes que não sou culpado

e que ninguém me pode livrar das **tuas mãos**?

Num dos famosos Tratados da Sabedoria Hassídica diz-se que «O único verdadeiro pré-requisito para a oração é um coração destruído». Apesar de questionável, esta expressão alude à verdade que o Job orante e todos nós, humanos orantes, experimentamos: que é, frequentemente, a dor, a necessidade e a vulnerabilidade que nos levam diretamente a Deus. É ali, nesse lugar onde já não precisamos de praticar a oração, porque nos tornámos uma oração, que aprendemos a confiar a vida à nossa única salvação: o amor e a misericórdia de Deus... É ali, perante este amor misericordioso que pressentimos que, quando perdemos aquilo que pensávamos ser tudo para nós, que começamos a descobrir que só o Tudo é tudo. É ali, nesse lugar, onde não há palavras que possam descrever a profundidade e a dimensão da nossa dor, que descobrimos que só Deus pode preencher esse vazio mortal. Só então, os nossos corações se abrem partidos, a nossa invencibilidade é arrasada e já não podemos prestar culto nos altares do nosso ego... Então, «Deus pode verdadeiramente entrar... e nós descobrimos, tanto o que é orar, como aquilo por que vale a pena orar.» Talvez seja, por isso, que o auto bíblico interrompa, duas vezes, o choro, o grito e o questionamento para nos fazer escutar, um Job orante, voltar-se para Deus e pedir:

^{13,3} Dá-me um fiador junto de **Ti**,

Quem é **ele**, o que me segure pela mão?...

¹⁵Onde está **a minha esperança**?

A minha esperança, quem a viu? ...

^{19,25}**Eu sei que o meu redentor vive**

e prevalecerá, por fim, sobre o pó da terra;

²⁶e depois de a minha pele se desprender da carne,

na minha própria carne verei a Deus.

²⁷Eu mesmo o verei,

os meus olhos e não outros, o hão-de contemplar!

Job começa a entrever porque reza, porque pergunta, porque procura Deus. Ele é simplesmente o humano que necessita de Deus e de esperança. O humano que experimenta o que significa estar perdido numa terra em que não há sítio para onde ir, a não ser para Deus. Não para mudar as circunstâncias da sua vida, mas para mudar a sua atitude face ao que é a sua vida. Job deseja-o profundamente, embora tenha apenas palavras de saudade de uma relação serena com Deus.

^{29, 2} «Quem me dera voltar a ser como dantes,
nos dias em que **Deus me protegia!**

³ Quando a sua luz brilhava sobre a minha cabeça,
e o seu resplendor me guiava nas trevas!

⁴ Tal como era nos dias da minha mocidade,
quando **Deus protegia** a minha tenda!

⁵ Quando o **Omnipotente estava ainda comigo,**
e os meus filhos me rodeavam.

Mas a pintura bíblica, de Job «figura» orante, não se fica pelos meios-tons de ‘pastel’, até ao momento visualizados no choro, grito e questionamento. É necessário assinalar, também, os espaços da mais profunda escuridão. Job lança-se numa oração a Deus, prostrando-se num chão, onde experimenta o total silêncio de Deus, que parece coincidir com os limiares da sua total ausência.

^{19,6} Reparai que **foi Deus quem me desorientou**
e me envolveu nas suas redes.

⁷ Grito contra essa violência e ninguém responde,
levanto a voz e não há quem me faça justiça.

⁸ **Deus fechou-me o caminho,** para eu não passar,
e encheu de trevas as minhas veredas.

⁹ **Despojou-me** da minha glória,
e tirou-me a coroa da cabeça.

¹⁰ **Arruinou-me** inteiramente, e estou desfeito;
desenraizou, como uma árvore, a minha esperança.

^{30,26} Quando (eu) esperava felicidade, veio a desgraça,
esperava a luz e vieram as trevas.

²⁷ As **minhas** entranhas fervilham, sem descanso,
assaltaram-me dias de aflição.

²⁸ Caminho (eu) na tristeza, sem consolação;

levanto-me e dou gritos no meio da turba.

Porém, a presença da ausência, não é ausência da presença... a ausência é, simultaneamente, prova e desejo da relação que se exprime com um 'sinto a tua falta' e um medo da distância que exprime com um 'já não me amas'... Job conhece, então, o desafio de aprender a confiar, tanto no tempo da escuridão como no tempo da luz.

^{31,4} Não conhece **Deus os meus** caminhos
e não conta todos **os meus** passos?

⁵ Porventura (eu) caminhei com a mentira
e **os meus** pés correram atrás da fraude?

⁶ Que **Deus me** pese na balança justa
e reconhecerá **a minha** inocência!

Job sofre perante a ausência e o silêncio de Deus, porém é aqui, perante esta imensa parede que parece inamovível, da circunstância insuportável em que se tornou a sua vida, que Job se irá reconhecer como uma pessoa nova. Job constata que se tornou num pedinte espiritual que, anteriormente, nunca tinha conhecido... Ele já não é mais o ser humano da relação ritual de sacrifícios, ele é alguém que experimenta a imensa necessidade de uma Palavra de Deus.

^{10,2} Direi a Deus: Não me condenes; faz-me saber por que contendes comigo.

Porém, com a diferença de que, agora, até o ato de pedir lhe parece inútil. Job encontra-se perdido numa terra em que não há sítio para onde ir, a não ser para Deus. É neste momento, e só neste momento que a narrativa bíblica nos diz, com alguma surpresa:

^{31,40} «Aqui terminam as palavras de Job».

Na verdade, as palavras de Job ainda não terminaram. Ele voltará a falar, porém, será num contexto narrativo totalmente novo: aquele em que o orante e o seu Deus se encontram num insondável face a face; onde Deus fala incansável e longamente, e simultaneamente tudo se faz ver e tudo se esconde; tudo se explica e tudo é inexplicável... Chegámos aos famosos capítulos 38-42 onde Deus fala a Job no meio da tempestade.

¹Então, do seio da tempestade,

o Senhor respondeu a Job e disse:

²«Quem é esse que obscurece os meus desígnios com palavras insensatas?

³Cinge os rins como um homem (*geber*);

vou interrogar-te e tu responder-me-ás.

⁴Onde estavas, quando lancei os fundamentos da terra?

Diz-mo, se a tua inteligência dá para tanto.

No grandioso fresco da criação, Deus faz ver a Job a diferença do seu poder e conhecimento como Deus Criador. É neste lugar da diferença que Job se descobre nos braços silenciosos de Deus e que é suficiente ser amado, ser compreendido, em vez de «salvo» das coisas que pareciam, em si mesmas, constituir uma salvação... A prova, sim a própria prova a que foi submetida a sua Fé salvara-o de uma prática orante devotamente ritualista.

Ele, Job atravessara os caminhos estreitos e dolorosos do desânimo, do questionamento e da procura, mas agora estava ali perante Deus, a quem rezará não para que lhe seja dada coisa alguma, mas para que através do diálogo orante em que se tornara a sua vida, possa descobrir, finalmente, em tudo o que lhe aconteceu uma Palavra de Deus para si. O imenso coro de porquês de Job cala-se, perante o encontro e a escuta de Deus. Agora é Deus quem fala e pergunta se Job sabe quem, ele, Deus é, porque essa é a condição decisiva de Job saber quem, ele, Job, é. Não nos surpreende que, agora, Job responda a Deus dizendo apenas:

^{40, 4} «Falei levemente. **Que poderei responder-te?**

Ponho a minha mão sobre a boca;

⁵ falei uma vez, oxalá não tivesse falado;

não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais nada.»

Job experimenta, agora, a certeza de uma presença que nunca o abandonara. Começa a ver e a responder à vida de forma diferente. Percebe que nunca estivera só. Já não precisa de se ajoelhar para encontrar Deus fora de si. A sua interioridade está num estado de eterna vénia, ante a presença de Deus dentro de si.... Job é mais, muito mais do que o seu eu público. Job entende finalmente o que é viver, para além da ordem, do direito e das ideias da sociedade. O que significa viver da Palavra de um Deus que vibra dentro de si... por isso, quando pronuncia as

suas últimas palavras, na narrativa bíblica, é a sua alma e o seu corpo, o seu ser total que está em oração:

^{42,1} **Job respondeu ao Senhor** e disse:

² «Sei que podes tudo

e que nada te é impossível...

De facto, eu falei de coisas que não entendia,

de maravilhas que superavam o meu saber...

⁵ Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti,

mas **agora vêm-te os meus próprios olhos.**

⁶ Por isso, retracto-me e faço penitência,

coabrindo-me de pó e de cinza.»

A distância de Deus permanece, mas Job percebe na Palavra do próprio Deus que uma imensa intimidade abraça toda a sua vida. Job orante falara de coisas que não entendia, maravilhas que superavam o seu saber. A sua oração, firmada em rituais e sacrifícios, colocara-o sempre numa posição de superioridade, de quem tem direito até mesmo de interrogar o próprio Deus. Job desce ao mais interior da sua humanidade e, uma vez chegado ali, recebe uma Palavra que realiza nele uma «visão de Deus».

Como o rabino que todos os dias atravessava uma praça para se dirigir ao Templo para orar e que um dia é interpelado por um soldado que lhe pergunta: «Para onde vais? E ele responde: «Não sei, não sei para onde vou!», também Job não sabia para onde ia; não sabia que poderia haver uma oração diferente da oração de rituais que sempre fizera... Por isso, também Job poderia dizer como o Rabino que vendo-se subitamente preso numa cela de prisão, pelo soldado enfurecido por uma tal resposta do rabino, diz apenas ao soldado: «Vês, eu bem te disse que não sabia para onde ia». O Job orante, que começara a sua oração com ritos de sacrifícios, não sabia para onde ia. A vida surpreendeu-o nos caminhos insondáveis da gratuidade da fé, no entanto ele manteve-se nas veredas da procura incansável e inesgotável.

O orante e o Dom

Inesperadamente, a narrativa alerta-nos que algo deve ainda ser dito. O autor bíblico não nos deixa com um Job, envolvido numa espécie de

«visão beatífica». Deus continua a falar e refere, duas vezes, que os amigos não souberam falar corretamente de Deus como Job e envia-os a Job, para que juntamente com este se realize um sacrifício de intercessão (Jb 42,7-9). Por instantes, somos comprimidos pela surpresa... Tudo parece voltar ao tempo da relação ritual feita de sacrifícios, mas rapidamente reparamos que este regresso é apenas aparente. Job é aprovado na sua oração feita de inúmeras palavras de desânimo, dúvida e questionamento, enquanto os amigos são reprovados na sua defesa cega e racional de Deus. O Job *geber*, o ser humano considerado na força da sua relação com Deus, recupera, neste final do Livro, a designação de **servo ('ebed)**, antes de **o meu servo ('abdî)**, que nesta altura adquirira já o significado teológico do ser humano aberto, disponível, entregue aos desígnios de outro a quem chama Deus (Jb 1,8; 42,7-8). O Job orante, provado e purificado no fogo da relação gratuita e crente de Deus é chamado, não a um simples ritual de purificação, mas a interceder pelos amigos. Isto é, é chamado a *mediar* outros seres humanos nos caminhos de uma relação orante, que no seu mais profundo realismo nunca se perda de Deus.

A narrativa revela deste modo a necessidade se finalizar a notável tela de um Job orante, como um ser humano, que não se detém no seu maravilhoso êxtase. Este Job não seria real. Era, por isso, necessário acrescer algo e o autor escolhe o traço da sua condição de mediador. Job termina como um ser humano que intercede, pelos que se perdem nos diversos caminhos da procura e da relação com Deus. Fá-lo por sacrifícios de intercessão, que de um modo enigmático sobem até Deus através da interrogação profunda e do desejo absoluto de Deus. Job fá-lo pela sua obstinada e surpreendente clarividência de que «Deus pede-se a Deus». O Job que apenas realizava rituais de purificação experimentou na carne na alma a genuína purificação interior de uma fé que por ser intrinsecamente «relação», deve assumir a mais profunda radicalidade da gratuidade e confiança. É este ritual de entrega total e gratuita de fé que Job é chamado a mediar. É relativamente fácil realizar ritos de purificação, hoje confinados, frequentemente, ao cumprimento de preceitos ou até mesmo a uma solidariedade necessária. É, porém, bem mais difícil assumir a fé em Deus como uma relação onde floresça todos os dias a gratuidade e a entrega.

Afinal, contra toda a nossa expectativa, Job falou corretamente de Deus. É Deus quem o diz. Ele que qualificara as palavras d Job como

palavras sem conhecimento (38,2), mas que termina por ver recuperado no silêncio da escuta e no reconhecimento de ter ousado falar de «maravilhas que superam o seu saber». Ele, Job, o humano por terra, o humano que chora e desejara nunca ter nascido; o humano que tanto questionara a justiça divina e o seu silêncio... É a este ser humano, e só a ele, que Deus confere o DOM de poder oferecer sacrifícios de mediação e de intercessão. E é impossível não antever, neste horizonte, alguns traços da dimensão orante de Jesus Cristo. E é, talvez um pouco por tudo isto, pela humanidade grandiosa da sua metamorfose como ser humano orante, que nós podemos dizer que Job, «figura» orante cumpre aquilo que se diz no Talmude: «Nunca rezes num espaço sem janelas».

Luísa Maria Almendra

Bibliografia:

- ATTINGER, D., *Parlare di Dio o parlare con Lui? Il Libro di Giobbe. Commento esegetico-spirituale* (Magnano 2004).
- BOCHET, M., *Job après Job. Destinée littéraire d'une figure biblique* (Bruxelles 2000).
- CHÉREAU, G., *Job et le mystère de Dieu. Un chemin d'espérance* (Paris 2006).
- TERNAY, H., *Avec Job. De l'épreuve à la conversion* (Bruxelles 2007).
- BOORER, S., "Job's Hope: A Reading of the Book of Job from the Perspective of Hope", *Colloquium* 30/2 (1998) 101-122.
- BOVO, S., "La vittoria della speranza nel libro di Giobbe", *Parola, spirito e vita* 9 (1984) 51-68.
- CIRPAZ, F., *Job. La force d'espérance* (Paris 2001) 193.
- Chittister, J., *O Sopro de vida interior* (Lisboa 2012).
- GALLAGHER, M.P., *Dive Deeper. The Human Poetry of Faith* (London 2001) 47-50.
- MIES, F., «Est-il sage d'espérer en Dieu. L'énigme de Job», in *Toute la sagesse du monde* (FS M. Gilbert), (Bruxelles 1999) 385-417.